

O difícil acerto das contas

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Mesmo fugindo das estimativas mais pessimistas, que projetam a taxa de juros para clientes preferenciais dos bancos norte-americanos ("prime") acima dos 15% no próximo ano, e adotando uma previsão de 13%, o presidente do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), Luiz Carlos Bresser Pereira, acredita que o Brasil não vai conseguir zerar seu déficit em conta corrente esperado para 1987/88. Conversando com os diretores de área externa de bancos brasileiros e representantes de bancos estrangeiros reunidos ontem em São Paulo sob patrocínio da Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Bresser Pereira considerou a necessidade urgente de se retomar a discussão com os bancos internacionais para uma renegociação da dívida externa brasileira em novas bases.

Bresser Pereira citou durante sua palestra o estudo feito pelo Banespa sobre a viabilidade de o Brasil zerar sua conta corrente. Baseado neste estudo, Pereira chegou à conclusão de que é pouco provável o Brasil conseguir acertar suas contas, mesmo com previsões consideradas bastante razoáveis, como a estabilização da "prime" em 13%; um crescimento real das importações em torno de 5%; e crescimento real das exportações entre 5 e 6%.

CONDIÇÕES

Mesmo sendo atendidas estas condições, o presidente do Banespa observou que seria necessário, ainda, um crescimento econômico de 3% em 1985 e 5% em 1986, objetivo que ele não acredita que será atendido.

A ligeira retomada da economia anunciada recentemente pelos indicadores da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, segundo Bresser Pereira, é irrelevante. "Existe uma pequena retomada no crescimento, mas ela não tem fôlego, pois as metas negociadas junto ao Fundo



Bresser Pereira

Monetário Internacional (FMI) impedem um aumento nas importações em volume necessário para sustentar esta retomada", considerou.

Bresser Pereira observou que, embora o desequilíbrio no balanço de pagamentos tenha razões internas, como os grandes investimentos realizados por volta de 1974 — contratações de grandes projetos num momento em que o mundo entrava em recessão —, ele tem, também, fortes razões externas, como a alta violenta das taxas de juros internacionais em 1979, seguida pelo choque do petróleo. "Mais da metade de nossa dívida tem causas externas. O volume de juros elevado sobre os débitos passados sempre é esquecido e espera-se do Brasil um ajustamento. Este ajustamento aguardado é unilateral. E só o Brasil que tem de se sacrificar", disse.

METAS

Segundo Pereira, o "socorro" do FMI estabeleceu três metas: corte do déficit público; contenção da moeda; e aumento violento do superávit comercial. O único meio de continuar a expandir o superávit, que no ano passado atingiu US\$ 6,5 bilhões, é cortar as importações, ponderou Pereira. "E isto significa recessão." Para o presidente do Banespa, estas metas junto ao FMI deveriam ser repensadas e mais modestas. Exatamente por ter conseguido cumprir o superávit

comercial estabelecido, segundo Pereira, o Brasil tem condições de negociar sua dívida em bases novas. "Temos de colocar nossas cartas na mesa, também temos de pressionar os credores, porque hoje as condições são mais favoráveis para o Brasil."

O presidente do Banespa insistiu na necessidade de discussão sobre as metas tratadas com o FMI. Segundo ele, graças à política do Fundo, o País está enfrentando uma crise sem precedentes na história. "A inflação, que estava em 100% nos últimos três anos, passou para a marca dos 200% no ano passado. Os dados para 1984 já estão na 5ª carta de intenção com novas metas estabelecidas. Está na hora de se discutir até que ponto a política do FMI poderá nos levar à retomada do crescimento econômico", ponderou.